

ROCA. Revista científico- educacional de la provincia Granada.  
Vol.14 No. 5, Edición Especial 2018. ISSN: 2074-0735. RNPS: 2090. [roca@udg.co.cu](mailto:roca@udg.co.cu)

## Ensaio

### **A imagem do território goiano e no cerrado na Revista Brasileira de Geografia (1940-1958)**

**The image of the goiano territory and cerrado in the Brazilian Magazine of Geography (1940-1958)**

Luanda Rodrigues de Paula, Instituto Federal de Goiás/Goiânia, Brasil

[luandarp Campos@hotmail.com](mailto:luandarp Campos@hotmail.com)

Michelle Lira Rodrigues, Instituto Federal de Goiás /Goiânia, Brasil,

[michellelira@yahoo.com.br](mailto:michellelira@yahoo.com.br)

Weder David de Freitas, Instituto Federal de Goiás /Goiânia, Brasil, [wederfreitas@gmail.com](mailto:wederfreitas@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

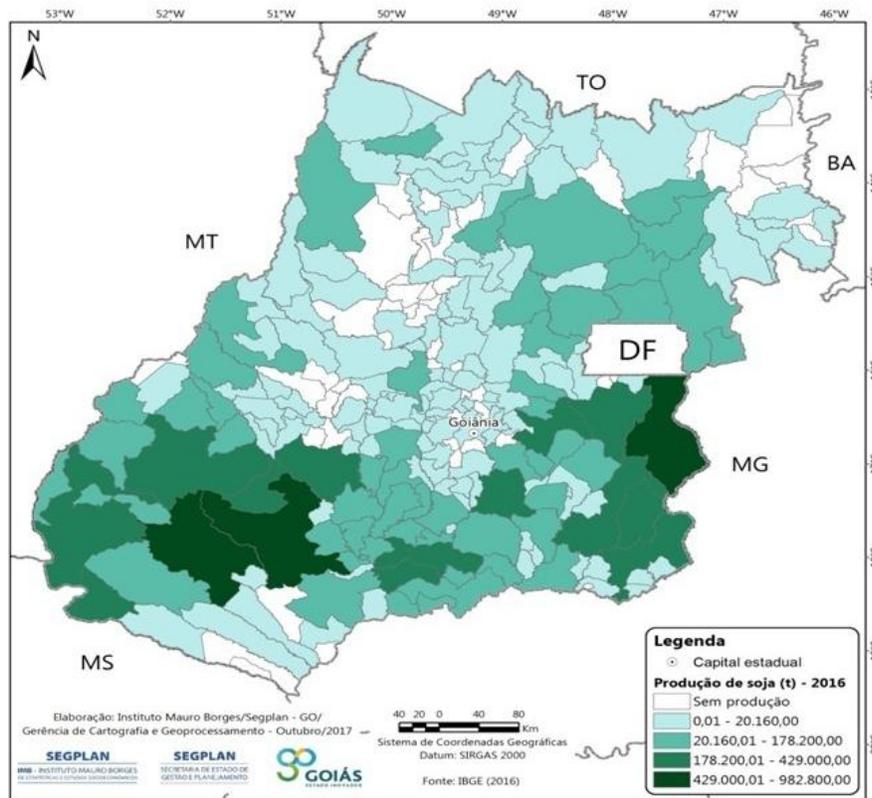
O Cerrado é hoje um território marcado por profundas disputas e pelo alto índice de degradação ambiental. As disputas vão desde a luta por terra pelos diferentes grupos que o habitam, como por exemplo, os quilombolas, comunidades indígena e etc.;ou, por um crescente número de grandes produtores que veem essa região como o celeiro brasileiro. A degradação ambiental também está ligada as disputas desse território, o que instala a contradição: as atividades que degradam também são aquelas que geram renda. Não por acaso, as regiões de Goiás mais dinâmicas economicamente são as que possuem forte ligação com o agronegócio: Rio Verde, Jataí, Chapadão do Céu, Cristalina e outras, como demonstrado no mapa a seguir (Mapa 1 – Brasil Político; Mapa 2 – Produção de Soja no Estado de Goiás). O fato é que essas atividades pressionam significativamente o ambiente e causa severos impactos de tal forma que grandes especialistas da área, como o professor Altair Sales<sup>1</sup>, decretou o fim do Cerrado.

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida ao Jornal Opção no dia 04/10/2014 na edição 2048, disponível em <<https://www.jornalopcao.com.br/entrevistas/o-cerrado-esta-extinto-e-isso-leva-ao-fim-dos-rios-e-dos-reservatorios-de-agua-16970/>>



**Brasil – Divisão Política**



**Goiás – Produção de Soja em 2016**

Esses conflitos e a degradação do Cerrado são produzidos ao longo de períodos, até certo ponto, demarcados pelo conhecimento científico, a saber: república velha, nacional desenvolvimentismo etc. Ou seja, o processo que culminou com o contexto atual, é histórico e percebido materialmente. Desse modo, pretendemos levantar elementos que comprovem que o território goiano esteve nos debates nacionais a partir de vários discursos, inclusive do científico. Por isso, a nossa questão norteadora é: qual a imagem produzida pelos artigos

científicos publicados na Revista Brasileira de Geografia (RBG) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre o Cerrado e o território goiano no período de 1940 a 1958? Para realizarmos tal tarefa adotamos como método a *abordagem contextual*, apresentado por Berdoulay ([1981]2003)<sup>2</sup> que vai além da análise do discurso, pois, além de interpretar e entender os artigos é também necessário fazer uma abordagem histórica do contexto de produção de cada um deles. Assim, faremos uma revisão da literatura que terá os seguintes temas: o território goiano, o Cerrado, a política nacional desenvolvimentista de Vargas e a análise de periódicos.

Partindo desse método, desenvolvemos a metodologia de investigar e selecionar, a partir de uma visão mais ampla, os artigos do periódico pesquisado. Em seguida, foram feitas as leituras e análises dos artigos focando o território goiano e o Cerrado. Por conseguinte, foram produzidas tabelas, que abarca dados técnicos, resumo e comentários. Também, como parte da metodologia realizou uma investigação acerca da criação e manutenção do IBGE e sua importância nesse período.

Justificamos a nossa escolha, ao compreendermos que em 1938, à criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, composto pelo Conselho Nacional de Geografia e pelo Conselho Nacional de Estatística, o que caracteriza uma nítida preocupação do Estado em melhor gerir a vida e o território brasileiro, como salienta Machado (2000, p. 125), “um Estado promotor, organizador e mecenas do mundo econômico e cultural. Ampliando suas atividades, o Estado organiza importantes instituições [...]”. Esse Estado promoveria uma série de políticas voltadas para a interiorização do Brasil, como a Marcha para o Oeste. Tais políticas tinham como pano de fundo o saber científico que há pouco havia se institucionalizado e agora era acadêmico – a Geografia.

Portanto, quando partimos da nossa pergunta chave pretendemos, realizar uma busca e análise nos artigos publicados por essa revista nessa época. Mas, também com a intenção de casar essa discussão com o momento político do país e com os projetos governamentais para verificar em que medida os artigos apresentados dão munição para a implementação desses programas estatais.

### *A nomenclatura Cerrado*

Ao propormos uma leitura do bioma Cerrado nas décadas de 1940 e 1950 nos deparamos com

---

<sup>2</sup> Um exemplo de pesquisa baseada nesse método é: GRIMM, Flávia Christina Andrade. *Trajetória Epistemológica de Milton Santos: uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e a cidadania como práxis*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Tese (doutorado), 2011.

um problema: a região que conhecemos hoje como Cerrado já teve outras denominações. Foi necessário examinarmos quais foram essas denominações, pois, não seria possível encontrar o termo Cerrado nos artigos analisados. Foram encontrados: *Sertão*, *Planalto Central*, *Planalto*, *Chapada*, *Coração do Brasil* e *Brasil Central*. E cada uma dessas nomenclaturas está associada a um contexto e uma época.

O termo *Sertão*, inicialmente designava essa região como sendo atrasada e local de redenção dos pecados, de perigo, era o deserto religioso do medievo europeu, sendo um local que deveria ser superado e civilizado. O termo foi usado no século XIX<sup>3</sup> tanto na historiografia goiana quanto nos relatos dos viajantes, para referir-se a esse local que está a Oeste. Mas, esse uso se estendeu até meados do século XX, pois esse termo pode ser encontrado em documentos ou em artigos de revistas até aproximadamente a Era Vargas. É nesse momento que o Estado Novo, tem como objetivo o povoamento e a ocupação do Oeste do país – a Marcha para Oeste – para incentivar o desenvolvimento do oeste do país. Contudo, o termo *sertão* também estava relacionado ao interior da atual região do Nordeste e levava uma conotação pejorativa. Para o projeto desenvolvimentista a imagem a ser produzida não era e nem poderiam ser tão negativadas, uma vez, que o Brasil, no discurso oficial, era uma unidade que levaria ao progresso.

O Sertão enquanto nomenclatura foi superado. Outras terminologias foram utilizadas. “Entre as décadas de 1930 e 1940, as expressões Oeste, Coração do Brasil e Brasil Central também contribuíram ao deslocamento, em relação a Goiás, do termo *sertão*” (QUINTELA, 2010, p. 244). Isto é, nesse momento histórico, outras expressões também aparecem, pois, a imagem passada por esses termos colava com o nacionalismo, fomentado pelo governo, “o verdadeiro sentido de brasilidade”.

Utilizar *O coração do Brasil* se tornava comum. Pois, deste modo a localização era valorizada. Contudo, o vocábulo não agrada aos conterrâneos locais. Não se identifica um sentido de identidade e reconhecimento. O que não era problema já que nas rádios, Getúlio Vargas, anunciava em seus discursos: “o verdadeiro sentido de brasilidade é a Marcha para o Oeste”, “*O coração do Brasil*”.

O verbete *Cerrado* foi retomado no final do século XX. Retomando, pois não era um termo novo ele foi utilizado pelos colonos luso-brasileiros e alguns cientistas do século XIX, para definir uma forma conveniente as características da região. Para esses pesquisadores do século XIX,

---

<sup>3</sup>MIRANDA, Luiz Francisco Albuquerque de. O Deserto dos Mestiços: O Sertão e seus Habitantes nos relatos de viagem do início do Século XIX. HISTÓRIA, São Paulo, 28 (2): 2009, pp. 621-643.

cerrado significava: obstruído, fechado, vedado.

A palavra *Cerrado* não é uma criação científica e nem mesmo criação do indígena brasileiro. Mas sim, uma palavra popular dos colonos luso-brasileiros que foi retomada para ter um sentido histórico, e por representar o tipo de domínio morfoclimático que aqui se estabelecia com aspectos literais do sentido da expressão.

A consolidação do termo *cerrado* para a indicação de um bioma savânico deveu, entretanto, aguardar a superação de outras propostas científicas e foi consequência do solapamento de outros nomes patrimoniais na língua portuguesa. O bávaro Carl Friedrich Philipp von Martius, quem permaneceu no Brasil desde 1817 a 1820, ao delinear o primeiro esboço da fisionomia vegetal do país batizou o atual domínio florístico do cerrado aplicando um nome das ninfas da mitologia grega. (QUINTELA, 2010, p. 248)

As diferentes nomenclaturas não foi um único problema a ser considerado na metodologia. Pois, o Cerrado não é homogêneo, ele possui várias fitofisionomias, desde o Campo Limpo (área com predomínio de gramíneas) até Cerradão (vegetação florestal densa com plantas de grande porte). Ou seja, a diversidade do Cerrado nos possibilita pensarmos em três diferentes denominações diferentes, mas que de algum modo se complementam. Coutinho (2002) entende o Cerrado enquanto bioma, Ab'saber (2003) como domínio morfoclimático e Calaça (2010), Castilho e Chaveiro (2007) como território. O conceito síntese possa ser bioma-território.

A integração numa única perspectiva teórica dos ambientes naturais do Cerrado, juntamente com os tipos de usos e suas variáveis, nos leva a proclamá-lo como um Bioma-território. Portanto, domínio de disputas – e de conflitos – próprias da estrutura econômica que preside os usos e os interesses dos atores que hegemonizam o seu controle econômico e territorial. (CASTILHO, 2012)

Portanto, o termo *Sertão* associado a Goiás perdeu-se devido à interiorização da Capital Federal a qual causou a unificação do nome à expressão *Planalto Central*. A amalgamação entre o que seria Brasília e o *Planalto Central* projetou a associação entre o Estado e o futuro Distrito Federal, diminuindo a junção que houvera durante dois séculos entre Goiás e o *Sertão*. Logo, fica claro porque a nossa investigação não se limitou ao termo *Cerrado*, mas sim as diferentes nomenclaturas que remete a esse objeto, que possui diferentes referenciais ao longo da História.

As diferentes nomenclaturas bem como as diversas fitofisionomias aparecem nos artigos da Revista Brasileira de Geografia de vários modos e isso foi levado em consideração para a

análise desse material. Pois, cada termo e conceito nos traz informações e características de cada período ao qual foi utilizado e aceito.

### *Contexto Histórico de produção dos artigos*

Um ponto importante é entender como o cenário nacional se organiza e se articula nas diferentes esferas. Ver como esses diferentes aspectos, desde a década de 1930 com a chegada de Getúlio Vargas no poder, e as diferentes posições políticas que levaram os planos nacionais desenvolvimentistas; irá nos ajudar compreender a construção dos discursos dentro do periódico, consequentemente a construção da imagem do *Cerrado* e território goiano.

O método da *abordagem contextual*, utilizado no decorrer de toda a pesquisa está enraizado no entendimento e no relacionamento do contexto histórico de produção, com os interesses que esses agentes históricos irão desempenhar para forjarem uma imagem, tanto do *Cerrado* quando do território goiano dentro do periódico do IBGE.

O nosso ponto de partida é a década de 1930, que é caracterizada pela ascensão de Getúlio Vargas ao poder, que levou o rompimento<sup>4</sup> com a República Velha e a política de Café com Leite. O novo governo também instituiu novas políticas para o território brasileiro. Ou seja, a partir desse período originou as políticas conhecida como Marcha para o Oeste, que tentou dar o verdadeiro sentido de brasilidade. O Território goiano e o *Cerrado* por estarem na centralidade desse projeto vão motivar a instituição das políticas desenvolvimentistas e dita modernizadora.

Vê-se, então, a partir de 1930 com a política de integração do governo Vargas, a ocupação do Centro-Oeste como uma prioridade nacional. Era o Brasil integrando o sertão ao litoral por meio da Marcha para o Oeste. Era a possibilidade de modernização de Goiás, que poderia sair do “adormecimento” e tornar-se o coração pulsante do Brasil. A apropriação e ocupação do Cerrado ocorre de maneira planejada e com interesses e funções políticas e econômicas bastante definidas. O projeto, no âmbito regional, buscava articular as regiões produtivas do estado de Goiás principalmente às suas regiões sul e sudoeste e, no âmbito nacional, adequar o país a um novo ritmo de produção capitalista. (CASTILHO; PELÁ, 2010 p. 61)

Dessa maneira, em 31 de dezembro de 1937 – ano do golpe que propiciou a continuação do governo de Getúlio Vargas – o presidente, em pronunciamento radiofônico à nação, lançou o

---

<sup>4</sup> É um processo histórico que levou rupturas e continuidades, por isso, entendemos que as rupturas da república do café com leite, foram entre as elites de São Paulo e Minas. E as continuidades foram em relação ao atendimento dos interesses da elite por parte de Getúlio Vargas, pois ele também é parte dessa elite gaúcha.

seu propósito de ocupar as áreas das regiões menos habitadas. Para tanto, já no início da década de 1940, criou a Expedição Roncador-Xingu e a Fundação Brasil Central.

Em 1943, os nossos quarenta e tantos milhões de habitantes viviam praticamente na faixa litorânea. A Amazônia era um mundo remoto, e o Brasil Central, como dizia o jornalista Jorge Ferreira, parecia “mais distante que a África”. A faixa-limite do conhecimento civilizado morria ali mesmo no Araguaia. E a Segunda Guerra, com a sua tônica do espaço vital, serviria para trazer à nossa visão a imensa carta geográfica brasileira, com suas não menos imensas manchas brancas. Nascia, assim, em plena guerra, um impulso expansionista, desta feita alentado pelo próprio Estado. Dois organismos foram criados pelo governo: o primeiro, a Expedição Roncador-Xingu (erx), com a atribuição específica de entrar em contato com os “brancos” das nossas cartas geográficas; o segundo, a Fundação Brasil Central (fbc), com a função definida de implantar núcleos populacionais nos pontos ideais marcados pela Expedição. O primeiro órgão era, assim, a vanguarda do segundo (VILLAS BÔAS, 2012).

Nesse momento de resquícios de conflitos políticos e, ainda com uma forte posição do governo em reprimir movimentos sociais mais radicais, surgem também as instituições acadêmicas, notadamente a Universidade de São Paulo e a Universidade do Brasil. Logo, nesses centros, também se concentrarão os primeiros cursos de graduação. E, em 1938, cria-se o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, composto pelo Conselho Nacional de Geografia e pelo Conselho Nacional de Estatística. Isso caracteriza uma nítida preocupação do Estado em melhor gerir a vida e o território brasileiro. Sendo que, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística se tornou um importante elo entre o governo e o território, o que vai ao encontro com os ideais do Estado Novo Vargasista.

Portanto, o relevante é deixar claro como se encontrava e quais as políticas que iram direcionar os discursos, as ciências, interesses, e as práticas econômicas do período. Pois, ao levarmos a luz tais processos, estamos entendendo como isso, estará influenciando de forma dialética a construção e consolidação da imagem do *Cerrado* e do território goiano com a política. Sendo que ambos estão ligados de forma direta com a representação máxima do governo de Getúlio Vargas, a Macha para o Oeste, cujo principal lema é a

interiorização e exploração do território, para o progresso e modernização.

Ano	Ano da Revista	Vol. Revista	Nº Revista	Autor	Título do artigo	Escala	Resumo	Comentário
1955	17	17	2	Jose Olvasdo de Meira Pena	A mudança da Capital do Brasil	Regional	<p>A mudança da capital, para o Planalto Central, é assunto que vem sendo ventilado desde os primeiros dias de nossa vida republicana, segundo o autor, constante, aliás, da nossa Constituição de 1891.</p> <p>"Uma mensagem secreta foi enviada ao presidente Getúlio Vargas, contendo quase exatamente a matéria da nossa publicação intitulada Problemas de Base do Brasil. Apesar de atravessarmos, naquela ocasião, um período de governo forte, absoluto, o presidente Vargas não pode ou não quis resolver o problema."</p> <p>A capital natural nasce sobre o terreno: a capital artificial nasce no mapa e é, em seguida, transportada para o terreno a golpe de milhões e de força de vontade. A posição geográfica preferida de uma capital, em relação com a sua função unificadora é um dos assuntos abordados. Como diz o professor Macedo Soares Guimarães, "tendo uma capital a função, por excelência, político-administrativa, a tendência é colocá-la em posição central. Não é porém o centro geométrico do território que importa considerar, o que só seria razoável no caso teórico de um país homogêneo cujas regiões componentes tivessem idêntico valor e no qual a população se distribuisse uniformemente. A capital não deve em hipótese alguma perder o contato com as regiões mais desenvolvidas, aquelas que constituem o que os geógrafos de língua inglesa chamam a <i>core area</i>. Tal desligamento é sempre funesto à unidade nacional."</p> <p>A capital estabelece-se suficientemente perto das fronteiras críticas para organizá-las e para vigiá-las, e suficientemente longe para ficarem ao abrigo de qualquer golpe de surpresa. É com essa ideia que o autor conclui sua tese.</p>	<p>Como em outros artigos estudados, esse autor também compartilha do ponto de vista de que a capital ocupa de fato uma posição única e privilegiada entre as outras cidades do país porque é a sede do governo, o local onde funciona o órgão de centralização do Estado, o centro diretor da vida política e, frequentemente, da vida econômica e cultural, o posto de comando em caso de guerra e o reservatório principal dos recursos espirituais da nacionalidade. Sua importância não reside portanto no volume do comércio ou da indústria, na extensão da área construída ou no número da população residente, mas nessa sua função especial e transcendente de unificação. Voltada para o desenvolvimento de uma nacionalidade na população, desenvolver o patriotismo e o "porto-seguro" do Estado. O objetivo trazido no artigo consiste apenas em utilizar os dados históricos, examinados à luz dos conhecimentos da geografia política, para deles extrair os ensinamentos próprios à apreciação do problema específico que foi focalizado, o da mudança da capital do Brasil.</p>

Os periódicos do IBGE Analisamos 44 revistas do RBG – Revista Brasileira de Geografia – no período de 1948 a 1958, sendo que dessas 44 revistas,

apenas 12 contemplavam nosso tema e traziam informações relevantes para o nosso propósito, (lembrando que cada ano da revista era dividido por 4 volumes) falando sobre o *sertão, cerrado, Planalto Central, Planalto, Brasil Central ou o também chamado, Coração do Brasil*. Os artigos foram organizados em tabelas da seguinte forma:

Os artigos que tratam dos termos apresentados foram todos organizados no modelo da tabela. O que proporciona um mapeamento dos artigos e dos temas abordados. Do ponto de vista metodológico isso propiciou que pudéssemos ter um panorama geral do periódico, facilitando nossa análise.

De uma forma mais geral, nos anos de 1948 a 1958, a expressão *Planalto Central* é predominante, utilizada de uma maneira mais generalizada em relação ao território que hoje chamamos de *Cerrado*. Alguns autores trazem os conceitos/caracterizações de forma positiva e outros de forma mais negativa. Por exemplo: na revista de 1948 vol. 10 nº 3 do autor Leo Waibel e na revista de 1949 vol. 11 nº 1 do autor Speridião Faissol, eles trazem uma visão em relação ao clima do território como algo negativo, fazendo comparação com o “clima de savana da África”, a vegetação é rala e o território muito extenso, que o clima é muito quente e com estações definidas: seco e menos quente, chuvoso e muito quente; e que por estes motivos, a colonização alemã de Uvá<sup>5</sup> foi um fracasso, pois era com a venda de madeiras, palmitos e outros produtos que os colonos faziam algum dinheiro para os gastos indispensáveis.

Outras interpretações dão uma conotação positiva a essa região. Nas revistas de 1950 vol. 12 nº 1, a autora Beatriz Célia Corrêa de Mello e nas revistas de 1950 vol. 12 nº 2 e 3, a autora Ruth Matos Almeida Simões contrapõem a visão dos autores citados, nos mostrando que o Planalto Central pode ser e é uma região de solo extremamente fértil (rochas, ígneas e rico em húmus), além das condições climáticas favorecerem a produção de arroz, café e cana-de-açúcar.

Em outros artigos analisados, encontramos também estudos que reforçam algumas características físicas do Planalto Central. Na revista de 1956 vol. 18 nº 3, o autor Francis Ruellan escreve sobre o formato do *Planalto*, relatando que é uma curiosa coisa, pois sua forma geral é a de um triângulo equilátero, no qual um dos lados está paralelo ao vale do Amazonas e o vértice está ao Sul de Ponta Porã.

E por fim, algo trabalhado em alguns artigos como o da revista de 1949 vol. 11 nº 4, o autor Fábio de Macedo Soares Guimarães e também na revista de 1954 vol. 16 nº 2, a autora Ariadne Soahe Souto Maioh, foi à questão da mudança da Capital do Brasil, onde unanimemente é afirmado que a escolha do local para a capital de um país é indiscutivelmente um problema político, mas os fundamentos são essencialmente geográficos. Sendo assim, é perfeitamente correto denominá-lo um problema geopolítico. O político aponta os objetivos que se tem em vista, o geógrafo fornece-lhe os elementos em que ele se fundamentará para atingir tais objetivos. Para ele o fato de uma cidade ser capital não lhe dá necessariamente a função colonizadora. Pois a capital tem a função, por excelência, político-administrativa, a tendência é

---

<sup>5</sup> Essa foi uma Colônia Alemã instalada na região central de Goiás na década de 1920.

colocá-la em posição central. Logo, à função administrativa, a primeira condição para que uma capital esteja bem situada, é que se localize em posição central em relação à parte efetivamente povoada do país, considerando-se ao mesmo tempo as tendências do povoamento num futuro próximo.

#### *Análise artigos do Periódico*

A revista do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística vêm circulando com pequenas interrupções. Ela foi publicada quadrimestralmente, por quase 70 anos, entre 1939 e 2006, sendo considerado um periódico de referência. Muitos de seus artigos abriram importantes fronteiras de conhecimento, tornando-se clássicos, tanto no país quanto no exterior. As publicações são técnico-científicas brasileiras, na área de Geografia e ciências afins.

Nos artigos analisados, o Cerrado e o território goiano são apresentados de forma ambígua, pois, utilizando predominantemente o termo *Sertão* para se referir aos aspectos negativos, ora o clima e solo ora o povo e *Planalto*, *Planalto Central*, *Chapadões* para relacionar de forma positivada a região, ora os recursos relacionados à água ora o relevo e altitude; 16 artigos se referem à região como: *Planalto*, *Planalto central*, *Chapada* e *Chapadões e Celeiro do Brasil* para relacionar com progresso o que vai de encontro com as políticas da época de marcha para o Oeste e políticas desenvolvimentistas, pois, a terra era boa o povo é que precisava ser civilizado; 11 artigos se referem de forma negativa, o Cerrado e o território goiano, utilizando predominantemente o termo *Sertão* para se referir ao solo ruim e ao clima. Enquanto, 8 artigos se referem de forma positivada exaltando principalmente os recursos minerais e a abundância de água, utilizando os termos: *Coração do Brasil* e *Planalto*. E apenas 3 artigos falam da região como sendo *Cerrado*, sendo que 2 se referem ao Cerrado pela vegetação cerrada, fechada porém como forma de atraso para o desenvolvimento, outro no 1º ano da marcha para o Oeste.

Em seus primeiros tempos, o IBGE funcionou como autarquia subordinada à Presidência da República, o que demonstra a importância que se atribuía à geografia e à estatística como braços da ação governamental. Somente em 1967 o IBGE transformou-se em fundação. Ou seja, quem escrevia nesses primeiros anos do periódico eram nomes de peso político e que atendiam e iam ao encontro dos propósitos do governo e as suas políticas. Por exemplo, Moacir da Silva, que além de ter desenvolvido trabalhos sobre o ponto de vista metodológico do século XX para a geografia dos transportes, com grande destaque no governo do Estado Novo, também estudou e foi professor do Colégio D Pedro II, que era um dos maiores colégios do período. Sua carreira em cargos públicos e administrativos o levou a fazer parte da

Comissão que elaborou o Plano Geral de Aviação Nacional de 1934.

O Marechal Candido Rondon, além de ser o nome referência quando se trata da região Centro-Oeste e do Mato Grosso como um todo, por ter sido o chefe da Comissão Construtora de Linhas Telégrafos, que construiu a ligação entre Cuiabá e a margem esquerda do Araguaia. Estudo na Escola Liceu Cuiabano em 1879, que foi criada para atender a elite; em março de 1889 ingressou na então Escola Superior de Guerra, onde ensinava Benjamin Constant Botelho de Magalhães, líder republicano e positivista, de quem se tornou aluno e seguidor. Participando assim, do movimento que depôs a Monarquia em 15 de novembro de 1889.

Outra observação que reforça a nossa tese de um discurso, que terá uma imagem contraditória do *Cerrado* e território goiano, associado ao contexto, é o modo que é empregado os termos *Sertão* e *Cerrado*, já categorizados anteriormente. Ou seja, ambos eram utilizados de maneira seletiva nos artigos, principalmente os dos anos 1942 em diante. Pois, sempre que se referiam à população, aspectos culturais, ou coisas que remetiam a já consolidada concepção dessa região utilizavam-se o termo *Sertão* ou *povo sertanejo*. Mas, quando queria trazer essa nova concepção de desenvolvimento ou de possibilidade de progresso tem o emprego do termo *Cerrado*. Agora, quando eram para se referir à mudança da Capital Federal ou da mudança da Capital de Goiás, a o uso dos termos *Coração do Brasil*, *Planalto Central* era constante.

Nesta tabela veremos um pouco dessas contradições:

Ano	Ano da Revista	Vol. Revista	Nº Revista	Autor	Título do artigo	Escala	Resumo	Comentário
1942	4	4	4	Engenheiro Gilvandro Simas Pereira	EXPEDIÇÃO AO DIVISOR DE ÁGUAS TOCANTINS-SÃO FRANCISCO	Regional	<p>A expedição enfrentou alguns problemas em relação à divergência dos mapas enquanto as coordenadas de localização da divisão dos rios São Francisco e Tocantins, desse modo à diferença chegava a de um 1º em longitude.</p> <p>Tais fatos provocaram uma solicitação do engenheiro LAURO DE ANDRADE SAMPAIO, diretor dos Serviços Geográficos do Estado da Bahia, ao engenheiro CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, secretário geral do Conselho Nacional de Geografia, no sentido dos engenheiros encarregados da campanha de levantamento das já citadas coordenadas ser autorizados a fazer o que achávamos necessário.</p> <p>Após a recebida ordem, procurou, desde logo, informar-me sobre a zona: sua distância dos centros populosos, meios de atingi-los, se havia moradores, alimentação, clima, salubridade, etc.</p> <p>Também geologicamente, bem como sua fauna, vegetação e clima, esta região, como muitas outras, era quase desconhecida.</p> <p>Levando a abrir a ideia da execução de uma expedição científica que, a exemplo de muitas outras, que já haviam estudado o interior brasileiro, em vários pontos e ocasiões diversas, trouxesse para o rol das causas conhecidas, o território em questão. E assim a ideia da expedição Goiaz-Baia, hoje fato consumado.</p> <p>Dessa maneira, os problemas foram inúmeros, tipos dessa região.</p>	<p>Nessa Expedição Gilvandro Simas Pereira teve diversos problemas devido à falta de recurso da região, discrepância de um mapa para o outro, o que mostra a deficiência dos recursos e estudos da época na área da geografia. No entanto, nos fala que a população daquela região entendia que a vegetação do local é o cerrado e não o sertão. E evidencia assim, o conhecimento do povo local, porém, sem conhecimento de medidas.</p> <p>Mostra como o tempo é seco e como possui abundancia de recursos de água, mas esses recursos não são extensivos a todo território apenas na região de várzea que é onde possui os buritizais. Ou seja, a imagem do cerrado é paradoxal.</p>

Identifica-se, portanto, que a depender do assunto tratado a imagem pode ser positiva ou

negativa. Mas, notadamente havia sempre uma preocupação de afirmar uma identidade nacional e incorporar essa região ao projeto nacional.

### **Considerações Finais**

A imagem do *Cerrado* e do território goiano analisadas por nós na Revista Brasileira de Geografia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, possui aspecto negativo e até um pouco contraditória. Pois, o contexto histórico nos mostra a vontade e as políticas de Estado que quer fazer do interior do país um local desenvolvido e moderno, ou seja, em muitos momentos tanto o *Cerrado* quanto o território goiano são colocados como um local que necessita de ajuda por não possuir desenvolvimento tecnológico e progresso com o resto do país, mas ao mesmo tempo cheio de recursos naturais e prosperidade.

Dessa maneira, passamos a afirmar que os interesses e políticas da época interferiram de modo direto como o *Cerrado* e o território goiano passaram a ser visto e entendidos, pois a suas imagens mudam e permitem a implantação dos objetivos da Marcha para o Oeste. Mas, sempre como visão dúbia do mesmo aspecto. Sendo, que o método que adotamos, *abordagem contextual*, nos levou a perceber que os nossos objetos foram conteúdos recorrentes dentro do periódico, nos anos de aplicação das políticas nacionais desenvolvimentistas de Getúlio Vargas, que vai dos anos de 1939 a 1949, com cerca de cinquenta e três artigos, interpretações, vultos, aspectos sobre o Brasil e notícias. E nos anos seguintes há cerca de vinte artigos, comentários e notícias. Pois analisamos vinte anos de publicações, nas quais são quatro edições por ano e com uma média de setenta e três tabelas produzidas.

Dessa forma, isso nos possibilitou essa nova perspectiva sobre os discursos e as narrações sobre o tema proposto no periódico, que não glorifica, mas, também não demoniza os mesmos, assim como acontece em outras análises. Haja vista, que sempre iram entender de forma negativa, por levarem em conta a imagem já consolidada do *Cerrado* e do território goiano. Ou de forma próspera e modernizada ao levarem ao extremo o contexto histórico e as medidas econômicas da época. Porém, o que é inegável, são essas imagens dúbias e contraditórias, que está atrela aos diferentes interesses e perspectivas que são frutos de seu tempo.

### **Referencias Bibliográficas**

- Ab'sáber, A. N.. (2003). Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê.
- Berdoulay, V. [1981]. (2003). A abordagem contextual. Espaço e Cultura, n. 16, Rio de Janeiro, jul/dez, p.47-56.

- Calaça, M. (2010). *Territorialização do capital: Biotecnologia, biodiversidade e seus impactos no Cerrado*. *Ateliê Geográfico. Goiânia*, Vol. 1, Número 9, Pág. 6-23. Número especial. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/view/9388/6469>
- Chaveiro, E. F; Castilho, D. (2007) *Cerrado: patrimônio genético, cultural e simbólico*. *Mirante - revista online*. Pires do Rio, GO: Universidade Estadual de Goiás, Ano 1, n. 2, jul.
- Castilho, D. Pelá, M.(org). (2010). *Cerrados: perspectivas e olhares*. Goiânia: Vieira.
- Grimm, F. C. A. (2011). *Trajetória Epistemológica de Milton Santos: uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e a cidadania como práxis*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Tese (doutorado).
- Machado, M. S. (2000). A implantação da geografia universitária no Rio de Janeiro. *Geographia. Niterói/RJ*, Ano. II – No 3.
- Quintela, A. C. (2010). Do sertão ao cerrado do Planalto Central: uma questão de nomenclatura. *UFG*. Dezembro. Ano XII, n. 9. p. 242-257
- Villas Bôas, O. y Villas Bôas, C. (2012). *A Marcha para o Oeste: A epopeia da Expedição Roncador-Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras.